



Luciano e José poderiam ter sido socorridos em postos de saúde

Histórias de hospital

ROMERITO AQUINO

O motorista da Universidade de Brasília José Aguinaldo, baiano, chegou por volta das 19h da última sexta-feira no Pronto Socorro do Hospital de Base de Brasília para retirar um cisco do olho que o incomodava há duas horas. Aguinaldo estava vindo da cidade-satélite de Ceilândia, a 30 quilômetros de Brasília, onde já havia passado por um posto de saúde e pelo Hospital Regional da cidade. O posto já estava fechado e o hospital alegou que não tinha médico para tratar de seu cisco. Para retirar o cisco, Aguinaldo teve, então, de recorrer à maior estrutura hospitalar existente.

Para o diretor do Hospital de Base, Lairson Vilar Rabelo, o exemplo de Aguinaldo ilustra muito bem uma das principais causas do elevado custo hospitalar do país. "Não se pode aceitar a ideia de que uma infra-estrutura tão cara desta tenha sido montada para tratar de doenças tão simples, que podem ser tratadas em postos de saúde", afirma Rabelo, que tem se preocupado nos últimos meses em orientar os mais de 600 pacientes atendidos diariamente no hospital para procura-

rem os 40 postos de saúde e os 12 hospitais regionais das cidades satélites, desafogando o Hospital de Base para os casos terciários, ou seja, os de maior gravidade.

Dor de garganta — Os jovens José de Souza Santos e Luciano de Souza Ferreira, que moram numa invasão próxima à Quadra 915 Norte, também ilustram o uso irracional da rede pública hospitalar. José foi ao Hospital de Base com uma dor de garganta e Luciano com uma luxação no braço. Em Brasília, onde o diretor Lairson Rabelo se orgulha de dizer que existe a melhor rede pública de saúde do país, também existem problemas provocados por "equivocos" cometidos pela saúde pública.

A diretora do Sindicato dos Médicos, Miriam Vieira de Souza, diz que a construção do hospital da Vila Paranoá, uma antiga invasão às margens do Lago Paranoá, área nobre da cidade, é um desses equivocos. "Muitas pessoas daquela vila já estiveram aqui para nos dizerem que o que elas precisam é de postos médicos adequados para o atendimento imediato dos seus problemas de saúde", critica Miriam Souza.